

**27/7/1986**

### **Sarney encerra polêmica com PT para evitar desgaste**

Depois de duas semanas de ataques mútuos, que por vezes beiraram a troca de insultos, governo e PT entram agora num período de recuo estratégico. Ao discutir com um ministro de sua estrita confiança qual seria a melhor maneira de lidar com o partido, o presidente José Sarney foi taxativo: quanto mais polemizar com o PT mais o governo se desgastará. O presidente do partido, Luís Ignácio da Silva, ao mesmo tempo tratou de convocar a imprensa para explicar que não falava em luta armada quando exortou a classe trabalhadora a tomar o poder "na marra".

São três os argumentos básicos utilizados pelo presidente da República para convencer alguns auxiliares mais próximos, especialmente o ministro da Justiça, Paulo Brossard, de que o PT poderá crescer na exata proporção da importância que o governo lhe der. "O PT é pequeno demais e está sofrendo um processo de desidratação. O PT é sectário. O brasileiro não concorda, nem apóia, atos de violência", desprezou Sarney na conversa com esses assessores.

Entre os petistas, a impressão é de que o conflito entre a polícia e os trabalhadores bóias-frias em Leme (SP) cuja conta de prejuízos, inclusive a morte de duas pessoas, o governo jogou nas costas do PT — e as declarações de Lula deram mais munição à ofensiva governista. A sensação do candidato do partido ao governo do Rio de Janeiro, Fernando Gabeira — ex-guerrilheiro e conhecedor credenciado das táticas da esquerda — é de que o partido "caiu numa armadilha, numa manobra onde perderam PT e PMDB e só Maluf saiu ganhando".

Para evitar novos erros, a direção nacional deu um basta na discussão e conseguiu que até os grupos de esquerda que, atuam à sombra do partido e que sempre são responsabilizados pelos atos mais radicais do PT, se alinhassem à nova orientação. Se a questão da luta armada é discutida nas reuniões internas desses grupos, o que interessa às lideranças petistas é que o debate não seja levado para dentro do PT.

Um integrante da Convergência Socialista — que congrega cerca de 400 militantes da chamada esquerda petista — acredita que o PT deve continuar a manter presença junto aos movimentos de trabalhadores, "sem se deixar intimidar pelo governo". Mas, no novo discurso dos radicais, acrescenta que esta atuação precisa ser partidária, "sem deixar dúvida de que estamos ao lado das classes trabalhadoras, mas que não queremos o confronto e muito menos a luta armada".

### **Marcação cerrada**

Sarney conseguiu fazer com que o ministro Paulo Brossard esfriasse a temperatura de seus ataques ao PT, mas não apagou a angústia que toma conta de algumas áreas mais conservadoras até mesmo no Palácio do Planalto. Um dos ministros mais próximos a Sarney acha que o PT, inquieto, farejando derrotas, resolveu pegar o atalho da CUT — Central Única dos Trabalhadores: se não for por bem, vai por mal.

Este ministro dá o tom de sua preocupação: "Os petistas, não todos, mas especialmente a direção do partido, podem tumultuar o processo de transição democrática. Qualquer radicalismo, neste momento, poderá ser prejudicial. O PT deve ser acompanhado de perto, mesmo porque seus filados assaltam bancos e se envolvem em tiroteios".

Este tipo de acusação, na opinião do secretário geral do PT, Francisco Weffort, revela que "as autoridades estão com a sensibilidade exacerbada" em função de estarem encontrando dificuldades na área empresarial e também na área trabalhista com a implantação e os ajustes no Plano Cruzado. Para Weffort, a tentativa de imputar o PT ao estigma da violência e da pretensão à luta armada é "uma iniciativa desastrada" do governo.

### **E agora PT?**

Conflitos externos à parte, o fato é que o PT está passando por um processo interno de discussão sobre a identidade do partido e que rumos deve tomar para crescer eleitoralmente e ampliar sua base de apoio político na sociedade. Este debate ocupa as quase 200 páginas do livro "E agora PT? caráter e identidade", que está chegando às livrarias pela Editora Brasiliense. São oito teses elaboradas por intelectuais e lideranças sindicais do partido que, sem chegar a uma conclusão comum, pretende, conforme esclarece a apresentação de Emir Sader: "refletir sobre o caráter do PT a partir de seu papel de mediação na luta dos trabalhadores para se constituírem como força política hegemônica no Brasil".

Quem vê o PT de fora, como o deputado federal José Eudes (PDT), expulso do partido por votar em Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, aponta como um dos principais erros do PT a crença de que é o único capaz de cumprir com pureza a missão de "organizar o povo".

Embora se sinta "aliviado" por ter saído do PT, critique o sectarismo e não veja amadurecimento político no partido desde a sua fundação, em 1979, Eudes não acredita que se pense em luta armada: "Seria um caso para psiquiatras". Ele enxerga hoje um "cerco conservador" se fechando em torno do PT que ao mesmo tempo, segundo Eudes, se deixa dominar "pela matriz sectária e radical dos grupos clandestinos". Falta ao PT, na visão do deputado, a compreensão de que o fortalecimento das instituições e da democracia interessa, sobretudo, à classe operária.

Para um dos candidatos do partido à Constituinte (que prefere não se identificar, porque depois das eleições pode até abandonar o PT), os petistas têm "perdido muitos pênaltis neste jogo que o governo obrigou o PT a entrar, com o objetivo de apaziguar as queixas da direita com a reforma agrária". Isso revela, na opinião do candidato, o traço ingênuo que marca a atuação do PT: "Uma tendência à radicalização verbal, sem uma base para radicalizar na prática. Coisa que o governo tem de sobra".

**(Página 4)**